

## Artigo

### Quem é você, professor?

Who are you, teacher?

¿Quién es tú, profesor?

**Cláudia Santana Santos<sup>1</sup>, Erica Daiane Ferreira Camargo<sup>2</sup>, Rosana Carla do Nascimento Givigi<sup>3</sup>**

Universidade Federal de Segipe (UFS), Aracaju-SE, Brasil. Universidade Federal de Segipe (UFS), Aracaju-SE, Brasil. Universidade Federal de Segipe (UFS), Aracaju-SE, Brasil.

#### Resumo

Este artigo parte do princípio de que o professor é constituído dentro de espaços de relações distintas, com conhecimentos plurais e temporais, construídos permanentemente e (re)construtores de sua prática. O estudo objetivou refletir sobre a constituição de ser professor, e como esta constituição influencia em sua prática pedagógica. Essa reflexão será feita a partir da perspectiva de Norbert Elias. Para o autor, as pessoas vivem suas experiências sociais e a partir disso modelam suas ações e discursos. Trata-se de um estudo de caso único, do tipo observacional explicativo e de análise qualitativa. Foi realizado em uma escola no município do agreste sergipano, com a participação da professora e seus alunos, durante oito meses. Evidenciou-se que: a) a teoria eliasiana contribui para compreender o ser professor; b) os diferentes grupos a que somos pertencentes formam as configurações e estão dentro de uma cadeia de interdependência; c) a constituição do professor é resultado das diferentes configurações das quais faz parte; d) o estudo empírico das configurações possibilita evidenciar a problemática do ser professor para daí buscar um melhor equilíbrio na escola; e) os conteúdos história de vida, formação e prática escolar fazem parte de um jogo de forças que se move conforme o fluxo de cada configuração. Conclui-se que nas teias das relações sempre haverá um jogo de forças e para compreender o ser professor é preciso analisar a força das configurações, reconhecendo que são mutáveis e resultado da história de suas relações.

#### Abstract

This article assumes that teachers are formed within spaces of distinct relations, with varied and temporal knowledge. It is a permanent work in progress that is (re)formed by themselves. This study thus aimed to reflect on what constitutes a teacher, and how this structure influences his/her pedagogical practice. This reflection will be assumed from Norbert Elias' perspective, according to which, people live their social experiences and model their actions and discourses based on it. This is a single-case, observational, explanatory study, which included a qualitative analysis. It was conducted at a school in a municipality in the countryside of Sergipe, with the participation of a teacher and her students, and it lasted for 8 months. It was found that (a) the Elias' theory contributes to

<sup>1</sup>Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação – PPGED-UFS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3578-7961> E-mail: [claudia.santana@live.com](mailto:claudia.santana@live.com)

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação– PPGED. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0329-5599> E-mail: [ericadfc@hotmail.com](mailto:ericadfc@hotmail.com)

<sup>3</sup> Profª. Associada do Departamento de Fonoaudiologia e do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED-UFS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6592-0164>. E-mail: [rosanagivigi@gmail.com](mailto:rosanagivigi@gmail.com)



the understanding of what it means to be a teacher; (b) different groups to which we belong are part of certain configurations and are within a chain of interdependence; (c) what constitutes a teacher is the result of different configurations of which he/she is a part of; (d) the empirical study of the configurations makes it possible to view the issues around being a teacher to then seek a better balance at school; (e) the contents of life history, education, and school practice are part of a game of forces that moves according to the flow of each configuration. In conclusion, in the relationships webs, there will always be forces at play, and to understand what constitutes a teacher, the strength of these configurations must be taken into account to acknowledge that they are changeable and result from the history of their relationships.

### Resumen

Este artículo parte del principio que el profesor es constituido dentro de espacios de relaciones distintas, con conocimientos plurales y temporales, construidos permanentemente y (re)constructores de su práctica. El estudio es destinado a reflejar sobre la constitución de ser profesor, y como esta constitución influye en su práctica pedagógica. Esta reflexión será hecha a partir de la perspectiva de Norbert Elías. Para Elías, las personas viven sus experiencias sociales y por eso modelan sus acciones y discursos. Esto es un estudio de caso único, del tipo observacional explicativo y de análisis cualitativa. Fue realizado en una escuela del municipio de agreste sergipano, con la participación de la maestra y sus alumnos, en un curso de tiempo de 8 (ocho) meses. Se hizo evidente que: a) la teoría eliasiana contribuye para comprender el ser profesor; b) los distintos grupos que pertenecemos forman las configuraciones y están dentro de una cadena de interdependencia; c) la constitución del profesor es resultado de las diferentes configuraciones de las cuales hace parte; d) el estudio empírico de las configuraciones posibilita evidenciar la problemática de ser profesor para a partir de eso buscar un mejor equilibrio en la escuela; e) los contenidos historia de vida, formación y práctica escolar hacen parte de un juego de fuerzas que se mueve conforme el flujo de cada configuración. La conclusión es que en las redes de las relaciones siempre habrá un juego de fuerzas y para comprender el ser profesor es preciso analizar las fuerzas de las configuraciones, reconociendo que son cambiables y resultado de la historia de sus relaciones.

**Palavras-chave:** Professores, Formação, Prática docente, Teia de relações.

**Keywords:** Teachers, Training, Teaching practice, Relationship webs.

**Palabras claves:** Maestros, Formación, Práctica Docente, Rede de relaciones.

### Introdução

A escola, segundo Charlot (2007), é um lugar de saber, formada por diversas funções sociais e sujeitos plurais. Na escola há história, emoção, afetividade, crença e cultura, e o professor é um ator na transmissão e na produção de saberes dentro do contexto escolar e, antes de tudo, um ser, constituído e constituinte de uma sociedade.

Assim, é compositor e componente de uma história que faz parte de sua prática pedagógica (VARGAS, 2008). Antes de ser formado dentro de princípios formativos e ter sua prática composta por influências institucionais e de um sistema, ele(a) nasceu, se constituiu enquanto sujeito, imerso em uma cultura, repleta de crenças, ele(a) pertence a uma comunidade trazendo valores e costumes singulares.

O questionamento “*quem é você, professor?*” será o disparador para se refletir sobre a constituição de ser professor, e como esta constituição influencia sua prática pedagógica. Essa reflexão será feita a partir da perspectiva eliasiana.

Porém, diferentes estudos têm se preocupado com temáticas relacionadas a formação do professor. Para situar a temática serão trazidos neste texto alguns estudos.

Para Tardif (2000), a atividade profissional do docente é executada dentro de conhecimentos prévios, portanto, embasada em crenças e certezas com relação à profissão. Em seu trabalho, expõe estudos que acreditam que os saberes dos professores são “variados e heterogêneos, e derivam de diversas fontes [...] se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior [...]” (TARDIF, 2000, p. 10).

Para Cericato (2017), trata-se de uma formação que acontece em múltiplos espaços e influenciado por vários fatores, não acontece meramente na universidade, mas são concretizados na prática diária; defendendo que “os conhecimentos adquiridos durante a graduação muitas vezes são dispensados quando o professor ‘entra em cena’ com seus alunos” (CERICATO, 2017, p. 739).

Weber e Strohmer (2017), tendo o objetivo de entender o processo de subjetivação e profissionalização de professores, concluíram que os processos de subjetivação, aos quais os participantes passaram, proporcionaram uma nova relação com eles mesmos e com o saber, constatando que desde cedo sofrem a influência do meio externo, composto pelos desejos e discursos dos meios vividos, a família e a instituição de ensino, meios e espaços de formação.

Já Martínez e Ahumada (2016), com o intuito de descrever e interpretar as teorias subjetivas de formação docente, partem da premissa de que formar o professor envolve determinados tipos de crenças, que são suas teorias subjetivas, que influenciam no processo de aprendizagem.

Garcia (2016), com uma leitura das políticas curriculares, vem tecer informações e nos levar a reflexões quanto às formações do professor moldadas pela política. Enquanto Maknamara (2015) vem reforçar a importância de se considerar a história e formação prévia do discente para entender suas práticas.

Dentre vários questionamentos, Bissoli, Moraes e Rocha (2014) buscam compreender como os saberes adquiridos na universidade refletem no exercício profissional, além de se questionarem sobre os tipos de saberes que são adquiridos na formação docente.

Silva (2017) reconhece que o exercício profissional sofre influência de aspectos subjetivos como a cultura, desta forma defende que as atitudes tomadas por cada sujeito são provenientes de valores adquiridos em sociedade; vem a defender que o exercício profissional do professor atrela-se não apenas aos conteúdos profissionais, mas tem suas ações orientadas nas relações estabelecidas entre os distintos meios como a escola, a família e os estudantes. Para o autor, ao ser professor, assumem-se determinados valores construídos por normas, conhecimentos e singularidades.

Como ponto comum, os estudos citados têm revelado que a educação é estabelecida na relação com outro. Desta forma o docente é múltiplo, assumindo papel de sujeito (singular), representante de uma instituição, na qual deve aderir às normas estabelecidas, e de adulto, responsável por transmitir o patrimônio humano (CHARLOT, 2007). O professor é um sujeito do conhecimento que tem

o direito de participar das decisões relacionadas a sua formação (VARGAS, 2008).

Assim, ele é participante, sujeito singular, que se constrói ao longo de sua vida pessoal e profissional, como defendido por Tardif (2014). Trata-se de uma formação plural, dada por conhecimentos espontâneos e científicos, como referida por Vigotsky (1991), ofertada nos variados meios de formação. Logo, o professor, em sua prática, traz saberes marcados por experiências escolares anteriores, experiências com outros adultos ou vivência do meio familiar e de outros espaços (TARDIF, 2014).

O professor vive uma multiplicidade de espaços formativos, e por isso tem uma constituição plural e temporal, de um saber-fazer próprio, de origem social, além de necessitar se adequar às regras e estruturar propostas em seu ambiente de trabalho, que também contribui na prática docente em sala de aula (TARDIF, 2014).

Destarte, falamos de sujeitos formados a partir do eixo social e das variadas figurações sociais pertencidas, como defendido pela teoria eliasiana, com uma história de valores, saberes internalizados e adquiridos nesses distintos espaços, que também contribuem para formar esse ser professor.

## 2. A construção segundo Norbert Elias

Em suas obras, Norbert Elias retrata a construção do processo civilizador, para isso, faz uso de contextos específicos e demonstra a modificação de hábitos e costumes a partir das relações de poder. O autor propõe uma sociologia processual que toma como princípios: as figurações, que estão sempre em fluxo; o desenvolvimento, quando de longo prazo, não pode ser completamente planejado e é imprevisível; o saber desenvolve-se dentro das figurações (OLGUÍN, 2020).

Até assumir a configuração social atual, as mudanças e o processo de civilização foram gradativos, envolvendo novos significados (VINHA, 2017). Elias busca mostrar o processo de mudanças, que acontecem dentro de uma relação disposta em determinado tempo e local, e que os grupos sociais se influenciam mutuamente, e assim os indivíduos vão se modificando a partir das relações estabelecidas no eixo social (ELIAS, 1990).

Para Elias (1993), as características individuais de uma pessoa não são explicadas apenas pelo talento, acredita que sua “estrutura social” é uma condição. Assim, o sujeito encontra-se em um ambiente específico, com determinados tipos de aprendizagens e funções sociais, que promovem o desenvolvimento da capacidade de reflexão.

[...] certamente não se pode compreender a estrutura da casa inteira pela contemplação isolada de cada uma das pedras que a compõem. Tampouco se pode compreendê-la pensando na casa como uma unidade somatória, uma acumulação de pedras; talvez isso não seja totalmente inútil para a compreensão da casa inteira, mas por certo não nos leva muito longe fazer uma análise estatística das características de cada pedra e depois calcular a média (ELIAS, 1994, p. 14).

Dentro desta perspectiva, para compreender a sociedade é necessário compreender suas partes e seu ritmo de funcionamento. Portanto, quanto mais

se compreende as relações ali estabelecidas, as motivações que uniram as pessoas e configuram o espaço, mais próximos estaremos de entender a sociedade (FERREIRA; FERREIRA, 2020).

Considera que, para entender a relação entre sociedade e indivíduo, é necessário vê-los não de forma isolada, mas considerá-los em um entrelaçamento, em uma espécie de teia, na qual seus indivíduos são interdependentes, estabelecem relações com distintas figurações (escola, comunidade, casa, parque). De modo que sua sociogênese contribui para a construção e mudanças na psicogênese dos sujeitos ali inseridos. A sociedade contribui para mudanças pessoais, assim como as relações pessoais contribuem para mudanças na configuração da sociedade (ELIAS, 1990).

Para se entender o real sentido de sociedade proposto por este autor, é necessário considerar que as relações sociais não têm começo, desta forma, na teia de relações convivemos com pessoas com diferentes valores, crenças e costumes, que não são imutáveis e que interferem na construção de novas redes de relações (ELIAS, 1994).

A medida em que a sociedade se tornou mais complexa surgiram uma série de funções sociais, construindo e promovendo mudanças constantes nas configurações da sociedade, ampliando assim a teia de relações (ELIAS, 1990, 1993). Logo, a essência da teoria eliasiana reside nas interdependências entre os sujeitos, fazendo-nos entender que quando os grupos sociais se relacionam não ficam restritos apenas às lutas de classe, mas podem dizer respeito a interesses comuns, na manutenção de figurações sociais e assim os privilégios, o que mantém e potencializa o controle de pulsões e o processo civilizador, lapidando comportamentos e restringindo a margem de poder de outros grupos (ELIAS, 2001b).

Os adultos, por sua vez, estão condicionados aos padrões sociais que moldam suas ações de “maneira mais ou menos automática” (ELIAS, 1990, p. 208). Isso faz com que haja um controle de comportamento dentro do sentido da moral, cabendo aos adultos, àqueles moldados dentro de tais padrões, o controle de transgressões.

Entende-se que as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos na teia de relações de uma determinada figuração social envolve uma relação de poder que não é hierárquica, mas um movimento constante da balança de poder, que permite que ora a balança penda para uma figuração social, ora em outra, como referido por Elias (2008), fazendo os sujeitos envolvidos movimentarem-se entre as posições de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Com isso, percebe-se que as noções de figuração, as dependências que estabelecem entre si e o modo que se equilibram são interligadas. Elias põe as redes de interdependência como aspecto central de sua teoria, o que faz com que uma ação dependa de outra, mas também sofra mudanças. Se há uma interdependência entre indivíduo e sociedade, o ser professor será construído pelas diversas relações simultâneas. Esse professor transita entre a historicidade desse indivíduo e sua vida nos diversos grupos sociais (PERES; PRZYLEPA, 2020).

Para que o professor se constitua, diferentes redes estarão interagindo, formadas em diferentes contextos, econômicos, sociais e culturais. Portanto, o professor vai vivenciar as coações dos grupos e adquirir o controle de si de forma singular (ELIAS, 1994). Quanto mais oportunidade de conhecimentos ele tenha,

mais chance terá de refletir sobre si mesmo, “sobre o outro e o grupo, construindo seu autocontrole diante de suas concepções e daquelas que lhe são impostas pelas instituições com mecanismos de civilização, como a escola” (PERES; PRZYLEPA, 2020, p. 126).

### 3. Metodologia

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa maior realizada em uma escola municipal do agreste sergipano, tendo como sujeitos a professora e seus 25 (vinte e cinco) alunos. Objetivou refletir sobre a constituição de ser professor, e como esta constituição influencia em sua prática pedagógica. Essa reflexão será feita a partir da perspectiva eliasiana.

Trata-se de um estudo de caso único, do tipo observacional explicativo, que se propõe a uma análise qualitativa dos dados, à luz da teoria eliasiana. Estudo de caso é definido dentro de suas características, sendo um delineamento de pesquisa, que preserva o caráter unitário do fenômeno pesquisado, investiga um fenômeno contemporâneo, correlaciona o achado ao contexto de estudo, possibilitando múltiplos instrumentos para a coleta de dados (GIL, 2009).

Para Elias (2001a), teórico deste trabalho, o estudo de caso permite o esclarecimento, mas, para isso, defende que deve seguir o processo de comparação, entendido em três escalas, dentre elas a distinção de funcionamento da forma social. Trata-se, portanto, do contraste das formas e dos funcionamentos sociais.

Todos os participantes foram esclarecidos quanto à pesquisa e concederam autorização prévia da divulgação dos dados. O trabalho foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, com CAAE 60458716.0.0000.5546 e parecer 1.807.679.

#### 3.1 Apresentando a escola

O passo inicial foi a seleção da escola, que utilizou como critérios a existência da Educação Infantil e estar situada no perímetro urbano. Os participantes foram a professora e sua turma do agrupamento etário de cinco (5) anos, da educação infantil, do turno matutino. A pesquisa foi registrada na Secretaria de Educação do município e foi recebida a anuência para a realização dela.

A escola está situada na zona urbana do município de Itabaiana/SE, e segundo o censo demográfico de 2010,<sup>4</sup> a cidade conta com uma estimativa de 94.393 habitantes em 2016, abrangendo em 2015 335.760 km<sup>2</sup>; uma renda *per capita* de R\$ 15.449,45 e atividade econômica voltada à agropecuária, indústria e outros serviços.

Com relação à educação, o município, segundo o censo educacional do INEP do ano de 2015,<sup>5</sup> tem uma incidência de matrículas na pré-escola com uma média de 2.982, com 1.406 em escolas públicas municipais e 1.576 em escolas privadas.

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis no site do IBGE:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>.

<sup>5</sup> Dados disponíveis no site do IBGE:

<http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/2802908/pesquisa/13/2015>.



A escola municipal é de natureza pública, com a oferta da educação infantil e ensino fundamental. O bairro conta com ruas pavimentadas, supermercados e mercadinhos, lojas de grande e médio porte, além de restaurantes, bares, oficinas, casas lotéricas, postos de gasolina e etc. Trata-se de um bairro composto por casas de grande, média e baixa estrutura, incluindo pequenas vilas.

Ao chegar à rua da escola vê-se o muro da instituição, que se estende de uma esquina a outra, tendo uma única porta de entrada, controlado pelo porteiro de cada turno. Ao entrar no espaço escolar há um hall, espaço destinado à colocação de motos e bicicletas de discentes e docentes, além de servir como espaço de espera, que comporta três cadeiras de ferro brancas, uma mesa de ferro branca, e quatro bancos de cimento e mármore próximo ao portão, mas que fica encoberto pelos automóveis ali deixados. Atrás do hall está a secretaria, entre o laboratório de informática (à esquerda) e a sala de professores (à direita).

No lado direito é a Ala A, destinada aos docentes do ensino fundamental, composta por cinco (5) salas, a cozinha, um (1) almoxarifado, seis (6) banheiros, um (1) bebedouro e o pátio. No lado esquerdo encontra-se a Ala B, que engloba a educação infantil e turmas do 1º ao 4º ano, contando com uma (1) biblioteca, um (1) bebedouro, seis (6) salas de aula e o pátio, espaço destinado à execução das brincadeiras e socialização entre pares e com os adultos.

Ao todo, a escola é composta por cinco (5) professores readaptados; cinco (5) auxiliares administrativos; doze (12) funcionários na limpeza e merenda; dois (2) porteiros; quatro (4) agentes da equipe diretiva; dentre a equipe pedagógica, a escola integra vinte e cinco (25) professores, com uma média de idade de 40 anos. O ingresso de todos os funcionários acontece via concurso público, sendo o nível fundamental incompleto a formação mínima. O corpo discente apresenta uma média de 550 alunos, com uma maior quantidade no turno matutino.

### **3.2 As relações na sociogênese escolar**

As relações dentro desse espaço são provenientes das diferentes funções sociais configuradas na sociogênese, incluindo relação entre professores; professor e aluno; relação entre alunos; aluno-equipe-funcionários; além da relação interprofissional. Neste texto serão destacadas as relações que envolvem diretamente os professores.

Os professores convivem uns com os outros, conversando sobre diversos assuntos. Há aqueles que se unem por semelhanças de pensamentos, outros pela frequência na convivência. É difícil entender os motivos que levam os afins a se agruparem. Os mais próximos param por alguns minutos na sala do outro e conversam sobre assuntos diversos, como pessoais, família, saúde, estética, dentre outros temas. Na sala de professores, no momento de repouso, é possível observar o desenvolvimento de conversa em grupo, às vezes contando com a participação maior de alguns professores do que de outros. Há momentos em que a conversa é uma história de um aluno, que ao despertar o interesse da maioria, faz com que o diálogo flua entre risadas, conselhos e perguntas, enquanto outros se dedicam ao preenchimento do diário, ou outras atividades.

Há outros momentos em que esses mesmos professores que riam juntos, se aconselhavam e trocavam experiências, divergem, como pôde ser

visto na reunião de planejamento, com a formação de grupos que se opunham a permanecer em sala por mais quinze minutos, mesmo estando no regimento; e aqueles que aceitavam o motivo e a justificativa dada pela direção; até aqueles que buscavam entrar em acordos legais, como o acréscimo com aula, não na espera pela retirada dos alunos pelos seus pais.

Desta forma, pode-se afirmar que as relações não são estáticas, mas mutáveis, influenciadas por distintos fatores, mas que distraem e aproximam os sujeitos a todos os momentos, movimento que também sofre permuta (ELIAS, 1994).

Na teia de relações que envolvem os dois grupos de sujeitos, Professor e Aluno, as relações são dinâmicas e diversas, com momentos de conversas e até de gritos como forma de comunicação; momentos de indiferença e pulso firme e períodos de atenção; outros de carinho e até de compreensão. O que se observa é que o mesmo professor que acalenta em determinadas situações, é aquele que briga em outros momentos. O mesmo que elogia em momentos de satisfação é aquele que briga quando contrariado, quando colocado em situações de conflito.

Nessa relação existem períodos de tensões, como mencionado na obra de Elias (1993), nos quais o professor necessita lidar com conflitos, como a não realização das atividades de casa ou de aula; situações de briga entre crianças; um vocabulário chulo utilizado por uma criança em sala; a ausência do banho, dentre outros eventos.

Nesse momento, mantendo-se em sua função social ou havendo a necessidade de assumir outra, há mudanças de comportamentos, que nem sempre são as mesmas para todos os sujeitos. Desta forma, o mesmo sujeito pode agir de forma diferente ao passar pela mesma situação com outra pessoa, ou pode assumir condutas diferentes.

A professora, foco desse estudo, será nomeada como Jaci<sup>6</sup>. A professora nasceu e se criou na cidade em que trabalha, foi formada em uma universidade particular do estado, segunda ela mesma, “é de origem humilde, que, com muita luta, conseguiu conquistar tudo que tem hoje”.

### 3.3 Etapas do trabalho de campo

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido de fevereiro a outubro de 2017. Como esse artigo apresenta-se como um recorte, serão utilizados dados dos seguintes momentos: 1) entrevista semiestruturada; e 2) observação participante. A escolha dessas etapas justifica-se pelo fato delas permitirem entender o processo formativo pessoal e profissional do professor e o quanto do EU singular está imerso no EU profissional.

Segundo Gil (2009), a entrevista semiestruturada é um ótimo meio de colher informações sobre o que o outro pensa, sente, acredita e pretende. Já Trivinos (1987), por sua vez, entende que a entrevista é um meio flexível, sem determinação de duração, permitindo uso de instrumentos como gravadores e registros fotográficos. Contudo, acentua a necessidade do entrevistador em conhecer seus objetivos e apropriar-se de seu instrumento, contribuindo na construção do “clima de simpatia, de confiança, de lealdade, de harmonia entre ele e o entrevistado” (TRIVINOS, 1987, p. 149).

---

<sup>6</sup> Nome fictício para preservar o anonimato.

Foi formulado um roteiro para a entrevista com a professora. O roteiro seguiu a perspectiva da teoria eliasiana, que defende a compreensão do todo a partir de suas partes imersas em um meio. Desta forma, a busca foi por entender as relações estabelecidas com Jaci pelos fios que as formam e, assim, 'reproduzir' sua sociogênese. Com isso, o roteiro de entrevista utilizado organizou-se em três conteúdos: a história de vida, a formação e a prática escolar.

A partir disso, buscamos refletir sobre a natureza dos desejos de Jaci, sua percepção de mundo e a forma como se construiu e se modificou dentro de um meio social. Para começar a desenhar a realidade de Jaci, começamos com perguntas gerais, que nos permitisse entender sua história de vida, sua criação, suas expectativas, motivações, anseios e frustrações. Os dados coletados na entrevista foram analisados segundo a teoria eliasiana.

O outro instrumento de coleta, a observação participante, contribui para relacionar fatos e representações, assim, há possibilidade de descobrir contradições em práticas vivenciadas em um determinado grupo (MINAYO, 2010). Para Flick (2009), na observação participante o pesquisador insere-se no meio, observando dentro de uma perspectiva, mas influenciando no meio devido a sua participação. De tal modo, o pesquisador, inserido no meio, torna-se participante e obtém acesso às pessoas e ao campo.

No processo de coleta de dados, as etapas supracitadas foram gravadas e posteriormente transcritas em ortografia regular, dispostas em tabela que facilitaram a análise dos achados. Para este estudo, foram selecionadas algumas falas da professora e também episódios colhidos na observação participante, que permitiram ao leitor entender a formação múltipla do professor nesse espaço de figuração social que é sua constituição.

#### **4. Resultados e discussões**

A formação do professor acontece muito além dos espaços formais. Existe uma múltipla constituição do ser professor, que tem sua prática pedagógica influenciada por fatores externos e internos, portanto, a função social assumida é modificada por um sistema e pela sociogênese escolar; e por aquilo que o professor acredita ser a melhor forma de exercer a sua função.

A análise apresentará os dados da entrevista e da observação da prática docente. Esses dados construíram o início da parceria com a professora, fazendo emergir, assim, alguns significados das práticas docentes. Já a observação participante contribuiu para relacionar fatos e representações, dando a possibilidade de descobrir contradições em práticas vivenciadas.

No primeiro conteúdo da entrevista, história de vida, Jaci conta sua história de forma livre. Destaca, sem uma organização cronológica, fatos como: ter perdido sua mãe muito cedo, quando tinha 17 anos; que seu pai era camelô e a mãe dona de casa; que lembrava-se de sua mãe sempre triste, nervosa e impaciente, pessoa que batia por pouca coisa, que estabelecia regras e horários para tudo, para comer, estudar, brincar, trabalhar; que quando era o momento de brincar, sempre preferia a brincadeira lúdica, o faz de conta e as bonecas; que era de classe econômica menos favorecida, mas nunca passou por muitas dificuldades, contando sempre com a ajuda da família; Jaci relata que cresceu ouvindo que nunca iria fazer faculdade, diante das condições financeiras da família; que escolheu ser professora por conselho de sua mãe; que após a morte

da mãe foi criada por madrasta de forma rude; que trabalha desde os 15 (quinze) anos; que hoje é casada, mãe de dois filhos, trabalha pela manhã na escola e à tarde ajuda o esposo no estabelecimento comercial dele.

Muitas marcas da história de vida de Jaci são percebidas em seu discurso e atitudes em sala de aula (WEBER; SCHWERTNER, 2017). Os valores pessoais que carrega consigo, relatados em entrevista, também transparecem na prática de Jaci, através da exigência para com seus alunos quanto o calar, o respeito às regras e aceitação de limites.

Em sua história de vida, é relatada a grande valorização ao não mentir, que em sua casa era instituído, por sua mãe, momento para tudo: o comer, o dormir, o brincar; isso já nos mostra sua construção processual e o quanto de suas atitudes, implementadas hoje em sala, e a valorização do respeito às regras e momentos, diz respeito a princípios e valores próprios, que perpassam princípios institucionais.

*J: [...] tinha a hora pra brincar, tinha hora pra estudar... em minha casa tinha hora pra tudo [...] Pra tudo! Até pra comer, não quer comer naquele horário, então em hora nenhuma, só à noite. (Entrevista com J.).*

Seu modo de pensar ao entrar em confronto com diversas figurações sociais, com os variados interesses e perspectivas, e na tentativa de colocar um ritmo de funcionamento, provoca tensão, e também distintas reações (SOBRINHO *et al.*, 2017). A partir das tensões criadas na relação, é possível que surjam atitudes reflexas e o controle de comportamentos, como fica evidente nos episódios que seguem:

**Episódio:** *J: Se não for com papai e mamãe é bom? Nããããã. Então vamos valorizar os pais, respeitando, obedecendo, obedecendo a professora, obedecendo a todo mundo e olhe o principal! Fazendo o dever de casa com a letrinha de vocês. (03.04.17- Diário de Campo de um momento de sala de aula e Transcrição).*

**Episódio:** *J: Papai do céu, me ensina a ser bom, vamos [pedindo a participação de todos em coro] a ser comportado, a obedecer a minha professora, vamos todo mundo! A obedecer a minha professora, para que eu possa aprender e ser um menino bom. [...]*

*J: [Próximo ao horário da saída Mt. sai sem pedir a J.] Volte Mt., volte.*

*Mt: [Choroso] eu quero ir no banheiro.*

*J: Volte.*

*Mt: [Chorando] eu quero mijar. (27.03.17: Diário de Campo e Transcrição).*

Mais uma vez, valores pessoais se fazem presentes, entrando em evidência nos discursos das crianças, comprovando nossos achados quanto às marcas culturais do professor na formação de suas crianças e a forma como a cultura do professor influencia na formação do aluno, também abordado na obra de Tardif (2014).

Quanto ao segundo conteúdo da entrevista, que foi formação, Jaci relata que a escolha do ser professor partiu de sua mãe; fez a graduação em pedagogia e que logo pôde trabalhar como docente; que já trabalhou em escolas privadas e públicas; que fez outros cursos de formação em serviço. Porém, a professora deixa claro que a formação inicial é apenas o primeiro passo e que após essa etapa é que se aprende realmente o que é ser professor, ressaltando a importância da prática, da experiência.

Em texto da entrevista, Jaci diz que o papel do professor vai

*[...] além de ensinar e aprender, né [...] O papel do professor eu não sei assim em uma frase determinar, né. Mas ele está, acho que hoje, em uma sociedade, pra complementar o papel da família, né. Complementar também, mas o principal é ensinar e aprender, é o letramento, é o desenvolvimento linguístico, é o comportamental, é o cultural. (Entrevista com J.).*

Desta forma, nesse texto será tratado de forma conjunta o conteúdo formação e o conteúdo prática escolar. Baseado em Elias (1994, 2001a), pode-se afirmar que as experiências profissionais e de vida auxiliam a lapidar a prática do professor a partir dos saberes adquiridos. São ideias e expectativas aprendidas a partir das relações estabelecidas nas distintas figurações sociais pertencidas, seja na escola ou com a família. No caso de Jaci, a professora tinha clareza de que no espaço escolar havia um currículo pedagógico a ser seguido, regras institucionais a serem cumpridas, ritmos de relações ali estabelecidas, ou seja, uma sociogênese daquele espaço escolar. Porém, Jaci tinha uma forma singular de seguir tais regras e cumprir suas responsabilidades.

Muitas das práticas pedagógicas colocadas por Jaci falam não apenas de sua formação pessoal, mas da influência de fatores externos que compõem a sociogênese do espaço escolar, levando a mudanças na organização da sala de aula ou na forma de ministrar um determinado tema. O que perpetua a ideia de que muitas das ações apresentadas estão relacionadas à sociogênese e configuração social pertencida (ELIAS, 2001a), adequando-se às exigências e regras do ambiente pertencido.

Nesse sentido, falamos de uma configuração que envolve vários indivíduos, não mais professor e aluno, e assim, sendo estes interdependentes, com diferentes relações de poder, há, portanto, a exigência de determinadas formas de agir diferentes daquelas que seriam adotadas pelo indivíduo caso não tivessem que o fazer. De tal modo, acredita-se que ao cruzar as ações de muitas pessoas, surgem “consequências sociais que ninguém planejou” (ELIAS, 2008, p. 103).

Nesta perspectiva, segundo Tardif (2014), o saber do professor é social e plural. Social por fazer parte do processo de formação de todos os professores; plural pelo fato do exercício profissional envolver um saber-fazer diverso, com variadas fontes e naturezas como os pessoais, curriculares, institucionais, dentre outros.

Em suma, “[...] o saber dos professores contém conhecimentos e um saber-fazer cuja origem social é patente [...] alguns deles provêm da família do professor, da escola [...] e da cultura pessoal [...] o saber profissional está [...] na confluência de vários saberes” (TARDIF, 2014, p. 19). Fala-se, portanto, de práticas temporais (adquiridas durante o percurso da vida pessoal e profissional) e plurais (adquirida nos distintos espaços de formação e vivência).

Dentro desse processo formativo, há também a construção processual do professor, que carrega uma série de valores, condutas e comportamentos, com o tempo modificados, mas ainda levando alguns valores para a prática pedagógica, como pode-se observar nos episódios que seguem.

**Episódio:** *J: Gente, eu quero saber se eu estou correta ou errada fazendo desse jeito, numeral um, quantas bolinhas eu tenho que desenhar aqui dentro?*

*A maioria: Uma [JACI desenha três].*

*J: Tá certo?*

*A maioria: Não!*

*J: Por que não tá certo?*

*Mt: Porque tem três.*

*J: Porque tem três. Se eu apagar uma aqui, oi; vai ficar correto?*

*L: Não.*

*J: Fica quanto?*

*L: Fica dois.*

*J: E se eu apagar mais uma fica certo ou errado?*

*A maioria: Fica certo.*

*J: Certo, né. Aqui tem uma bolinha e aqui tem o numeral um. E aqui, ói, uma, duas, [desenha duas bolinhas] tá certo ou tá errado?*

*A maioria: Tá certo.*

*J: Por favor, agora, cada um de vocês faça o dever do quadro.*

*[Após algum tempo de atividade]*

*J: Quem não fizer não brinca lá fora viu!" (27.03.17. Diário de Campo e Transcrições).*

A partir desse episódio, nota-se um aspecto muito peculiar do processo civilizador, que faz parte da formação inicial do professor e perpetua na formação dos alunos: a busca pelo portar-se bem, pela obediência e cumprimento de ordens. Isto fez parte da formação de professores e de alunos, com objetivos específicos de uma época, que sofreu modificações com o tempo, adequando-se aos ideais e valores atuais.

Trazendo a teoria eliasiana, compreende-se que muitas das atitudes atuais apresentadas são fruto de uma construção processual, que nos permite carregar ideais construídos dentro de um espaço-tempo de formação, modificando-os pelo constante ritmo de relações.

Exemplo deste ideal processual de formação do professor pode ser visto também no trabalho de Freitas (2003), ao mencionar que a formação das normalistas envolvia a preocupação com etiqueta, a “arte do bem portar-se”, além da educação moral e cívica.

Segundo Azevedo (2009), as mudanças que aconteciam na educação em determinados momentos requeriam a preparação de professores, habilitados para modelos pedagógicos vigentes, havendo a necessidade de cumprir um conjunto de normas e práticas, sob o controle do Estado.

No Regulamento de Instrução Pública de 1910, por exemplo, é preconizado que as professoras da escola republicana deveriam dar exemplo, uma vez que partiam da premissa de que sua postura era espelhada pela criança. Várias privações eram dadas às professoras, dentre elas o direito ao matrimônio, como pode ser constatado no artigo 15 da Lei nº 1.187 de 1917 (TEIVE; DALLABRIDA, 2011).

Desta forma, podemos falar que a mudança de comportamentos e condutas começaram de forma externa, levando o professor a construir uma nova forma de ser e praticar seu exercício.

Durante a observação da prática do professor, foi possível perceber que alguns dos comportamentos e ações apresentadas pelos professores, além de serem reflexos de uma formação processual do professor, envolvem marcas de uma formação pessoal, como são a apresentação de alguns princípios e valores, como no episódio abaixo.

**Episódio:** *[JACI explicava sobre a atividade de aula, na qual, apenas aquelas figuras que representavam ações de economia de água deveriam ser pintadas.]*

*J: Eu não vou pintar **porque ela foi conversar** e não prestou atenção a água.” (15.05.17: Diário de Campo e Transcrição).*

Na prática de Jaci, observa-se a tentativa de controle de comportamentos, no qual o silenciamento é significativo, principalmente nos períodos em que há aumento de conversa por seus alunos. As conversas paralelas incomodam de modo particular a Jaci, que nessas situações implementa um tipo de ação imprevisível, dada pelo ritmo da situação, mas nos fala de um valor também particular, pessoal, que acaba fazendo parte do processo formativo dos alunos.

São práticas que traduzem a individualização de Jaci, e seus saberes sociais, impulsionada pelos distintos espaços de formação que pertenceu, seus ambientes de trabalho e as relações ali estabelecidas. Logo, percebe-se que, embora Jaci e todos os professores façam cumprir seu trabalho e sua função, esta é influenciada por valores pessoais que formam seus alunos dentro de suas perspectivas e princípios comuns em sua função; mas também adquiridos a partir de um processo histórico.

Além disso, reforça as ideias trazidas no trabalho de Silva e Marques (2020), expondo a pouca voz ativa dos alunos dentro da sala de aula e a necessidade vigente de elucidar o imperativo e coordenar o ritmo dessa relação.

A seguir, é possível observar a vinculação entre ascensão social e educação, no qual a educação carrega a responsabilidade pela ascensão social do sujeito. Os achados mostram que, desde cedo, já a partir da Educação Infantil, cria-se a perspectiva e a imagem de que o sucesso econômico está na educação, é o valor mercadológico que persiste.

É a construção histórica, tão defendida por Elias (1994), que nos faz carregar perspectivas do ontem, embora sofram mudanças.

**Episódio:** *[JACI revisava a historinha dos três porquinhos, reforçando alguns valores colocados durante leitura].*

*J: O único vencedor é aquele que ES-tuda, né! É aquele que gosta de fazer os deveres, então aqui nessa sala nós temos o quê? Todos vencedores, **todo mundo aqui vai vencer**, todo mundo aqui vai ter uma casa boa, confortável, não vai morar na casa dos outros, não vai morar de aluguel. Por quê? **Porque vão estudar para ganhar dinheiro, para comprar sua casa [...]**. (24.04.17: Diário de Campo e Transcrições).*

Com este valor, confirma-se o que é defendido por Costa (2014), De Oliveira Rigolon, Príncipe e Pereira (2020) quanto à ideia de que a escola é

organizada por uma estrutura de mercado, tornando a sua qualidade dependente deste valor, fortalecendo o vínculo entre produtividade e competitividade, o que também compromete a autonomia do professor, que se restringe às normas estipuladas. E assim, segundo Apple (2008), disseminando a ideia de que a instituição de ensino e o professor são responsáveis pela ascensão social do aluno.

Trata-se, portanto, de um valor cultural, passado dentro de uma estrutura macro, a sociedade, e perpetuada dentro de vários eixos, como a escola e a família, assim como foi com Jaci, quando comenta na entrevista os conselhos recebidos de sua mãe: “*Faça formação, pelo menos você trabalha como professora, o que importa é o emprego [...]*.” (Entrevista com J.).

Reforça-se, então, a ideia de Santos e Feldens (2018), quando colocam que o percurso da formação do professor é longo e infinito. Desta forma, falamos de uma formação pessoal e formal do professor, que perpassa tais valores a partir das significações dadas em diferentes figurações sociais pertencidas, como defendido pela teoria eliasiana (ELIAS, 1990), o que também é potencializado pelas figurações sociais pertencidas pelos alunos, graças a relação de interdependência estabelecida entre os sujeitos envolvidos, permitindo uma mudança constante na balança de poder (ELIAS, 2008).

Isso comprova o entrelaçamento entre o eu profissional e o eu social, no qual, à medida que o saber é dado na relação com o outro, como defendido por Charlot (2007), carrega-se crenças e valores de um meio. Assim, vamos nos constituindo inseridos nas distintas teias de relações, nos construindo nos distintos espaços de figurações sociais pertencidas, carregando e modificando valores de um espaço-tempo, como referido pela teoria eliasiana (ELIAS, 2001a).

As mudanças de perspectivas acontecem junto às mudanças na sociedade e sua nova configuração social, como referido por Elias (1990), que levam às novas representações e significados, assim como geram mudanças quanto às práticas de se vestir e o pudor, como dito em momentos anteriores nesse texto.

## 5. Considerações finais

Ao longo do texto buscou-se construir o entendimento do sujeito múltiplo que é o professor, entendendo os distintos espaços de formação ao qual está inserido. O professor é um ser plural, que traz marcas das distintas figurações sociais pertencidas; e singular, formando-se peculiarmente, dentro destes diversos espaços; com práticas influenciadas por diferentes figurações (sistema educacional, instituição de ensino e suas regras, a família, dentre outros) com relações de interdependência.

Logo, falamos de um ser professor que se forma não apenas dentro do espaço da universidade, vai se formando, num fluxo contínuo. As formações são processuais, dadas em variados tempos (DE OLIVEIRA RIGOLON; PRINCEPE; PEREIRA, 2020). O professor é cortado por diversas relações, versadas entre gerações, com espaço-tempo diverso, levando a variadas tensões. Na teoria relacional compreende-se a complexa rede de interdependência que forma a sociedade, a sociogênese, incluindo a sociogênese escolar. Portanto, esse professor é humano, é sujeito, como todos os outros, e traz em sua prática

exemplos de vida, conhecimentos espontâneos e científicos adquiridos e construídos com o tempo.

O professor é mutável, como referido pela teoria eliasiana (ELIAS, 1993, 1994, 2008), as mudanças seguem o ritmo de tensões que surgem nas relações, nos interesses pessoais e nas figurações sociais assumidas. Apesar do professor ter um saber-fazer singular, este é ritmado pelas regras da sociogênese pertencida, carregando marcas da figuração social, como o cumprimento de regras, a organização, dentre outros. Inegavelmente, a cultura do professor aparece na relação de sala de aula, entrelaçando o Eu singular com o Eu profissional, marcado pelo vocabulário usado, ideias criadas, princípios colocados.

Conclui-se que o processo reflexivo poderá ser dispositivo de mudanças para uma prática consciente das limitações e potencialidades que regem as relações na escola (SOBRINHO *et al.*, 2017). Reconhecer a complexidade da interdependência que forma a teia de relações, faz com que seja possível elaborar uma resposta, flexível e temporal, para a pergunta inicial: “Quem é você professor?” Professor, você é singular e plural, é histórico e temporal. É único!

## Referências

APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? *In*: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 59-91.

AZEVEDO, Cislane Barbosa. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930)**. Cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal: EDUFRRN, 2009.

BISSOLI, Michelle de Freitas; MORAES, Aline Janell de Andrade Barroso; ROCHA, Sônia Cláudia Barroso da. A formação cultural do professor: desafios e implicações pedagógicas. **Rev. Educação em Perspectiva**, v. 5, n. 1, p. 118-134, jan./jun. 2014.

CERICATO, Itale Luciane. Sentidos e significados da docência, segundo uma professora iniciante. **Rev. Educação e Realidade**, v. 42, n. 2, p. 729-746, 2017.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber. Formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COSTA, Nayara Tatianna Santos da; Tecendo reflexões sobre o currículo e a singularidade do fazer pedagógico. **Espaço do currículo**, v. 7, n. 1, p. 184-192, jan./abr. 2014.

DE OLIVEIRA RIGOLON, Walkiria; PRÍNCEPE, Lisandra; PEREIRA, Rodnei. Condições de trabalho no início da docência: elementos constituintes e repercussões no desenvolvimento profissional (Working conditions at the beginning of teaching: constituent elements and repercussions on professional development). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1-20, e4195117, 2020.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001a.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. 4. ed. Portugal: Edições 70, LDA, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: a formação do estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich; FERREIRA, Solange Pacheco. Configurações da infância na cidade: desigualdade interbairros e nos usos dos tempos e espaços por crianças curitibanas (Configurations of childhood in the city: inter-neighborhood and usage of time and space inequalities by children from Curitiba). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1-19, e3275060, 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **“Vestidas de azul e branco”**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupos de Estudo e Pesquisas em História da Educação/ NPGED, 2003.

GARCIA, Maria Manuela Alves. Políticas curriculares e profissionalização: saberes da prática na formação inicial de professores. **Educação em Revista**, v. 32, n. 2, p. 131-155, abr./jun. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

MAKNAMARA, Marlécio. Narrativas (auto)biográficas e necessidades formativas de futuros docentes de ciência: reflexões preliminares para um objeto em construção. **Rev. Tempos e espaços em educação**, v. 8, n. 16, p. 99-107, maio/ago. 2015.

MARTÍNEZ, David Jorge Cuadra; AHUMADA, Jorge René Catalán. Teorías subjetivas en profesores y su formación profesional. **Rev. Bras. de Educação**, v. 21, n. 65, p. 299-324, abr./jun. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnica de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010. p. 261-298.

OLGUÍN, Fabián Bustamante. Sociología histórica de Norbert Elias. Perspectivas analíticas, límites y pertinencia para una sociología histórica de las derechas chilenas. **Revista nuestraAmérica**, v. 8, n. 15, p. 237-252, 2020.

PERES, Cristiane Pereira Pereira; PRZYLEPA, Mariclei. Relação entre indivíduo, sociedade e educação: uma leitura a partir de Norbert Elias. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 15, n. 34, p. 118-132, 2020.

SANTOS, Aldenise Cordeiro; FELDENS, Dinamara Garcia. Vozes do triunfo: narrativas de si de professoras da Educação Básica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 1, p. 379-392, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i01.9666>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SILVA, Francisco Oliveira da; MARQUES, Michele Rodrigues. Espaço escolar sob a visão das crianças: narrativas, percepções e representações. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.11853>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SILVA, Neide de Melo Aguiar. Representações e valores sociais da profissão do professor que atua na educação básica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 22, n. 10, p. 133-144, 2017.

SOBRINHO, Reginaldo Celio *et al.* Política de educação especial em território mexicano: o município de Xalapa em perspectiva (Special education policy in Mexican territory: the municipality of Xalapa in perspective). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 3, p. 830-845, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Rev. Bras. de Educação**, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.

TEIVE, Gladys Mary; DALLABRIDA, Norberto. **A Escola da República** – os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918). Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175p.

VARGAS, Cláudio Pellini. Saberes docentes e formação profissional. **Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 10, p. 143-145, jan./dez. 2008.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizadores: Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner, Ellen Souberman. São Paulo:

Martins Fontes Editora Ltda, 1991. Disponível em:  
<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/forma%C3%A7%C3%A3o-social-da-mente-vygotski-l-s>. Acesso em: 18 set. 2016.

VINHA, Terezinha Camargo Pompeo. Um breve percurso histórico e cultural do alimento: Questionamentos sobre consumo alimentar, cultura e educação (A brief historical and cultural food course: Inquiries on food consumption, culture and education). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 1, p. 277-290, 2017.

WEBER, Daniela Maria; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Ser professor: reflexões sobre a formação e a docência na Educação de Jovens e Adultos (Being a teacher: reflections upon training and teaching in Youngster and Adult Education). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 3, p. 950-965, 2017.

WEBER, Jean Marie; STROHMER, Julia. Quem tem medo do saber não sabido? Determinantes da relação com o saber na formação de professores-estagiários. **Educar em Revista**, n. 64, p. 49-69, 2017.